

ENSINO DE FILOSOFIA EM AFRICA: PROBLEMAS E PERSPECTIVAS

José Blaunde

Universidade Eduardo Mondlane

INTRODUÇÃO

1.

É a segunda vez que reflectimos sobre o ensino de Filosofia em África. Em 2008 escrevi um artigo com uma temática semelhante, no qual detive-me a analisar a existência ou não da filosofia nos *currícula* educacionais na escola africana. Volvidos 7 anos, mergulhado na senda epistemológica africana, urge-me agora assumir a característica fundamental dum cabrito: a de ruminar (tornar a mastigar) o que foi pastado durante este intervalo de tempo sobre o ser e estar da Filosofia neste continente.

O nosso propósito, nestas breves linhas, é de reflectir sobre o ensino da Filosofia neste continente. Em África, a Filosofia deixou de ser considerada uma disciplina supérflua ou a mais. Ela já se faz sentir na escola africana. É na base desta incontestável realidade que urge a nossa problemática: reflectir sobre o por quê do ensino da Filosofia num continente em que o adágio latino «viver primeiro e filosofar depois» é quase dominante. Analisar a forma como é que ela é ensinada e o que se ensina.

A problemática está longe de ser situada no sentido kantiano em que se procura saber se é possível ou não ensinar a filosofia, nem a de questionar se ela existe ou não. O que nos interessa é a sua ensinabilidade, analisando como é que ela é ensinada, reflectindo sobre as formas em que ela é e está sujeita. É, exactamente, o ensino de Filosofia que constitui o ponto nevrálgico da nossa reflexão.

Quando falamos de ensino não é a nossa pretensão fazer uma distinção entre níveis de ensino (secundário ou superior), mesmo consciente que isso fosse importante, e nem importa aqui discutirmos sobre as possibilidades do ensino de filosofia em África. Mas, o que nos interessa é trazermos neste colóquio internacional “*Filosofia ou Filosofias da Educação?* Um debate em torno das identidades filosóficas das problemáticas educativas contemporâneas” uma reflexão sobre o **porquê**, o **como** e o **quê** do ensino de filosofia neste continente.

Com o Porquê nos interessa reflectir sobre o fundamento e a pertinência do ensino de Filosofia. Com o Como importa-nos analisar os mecanismos, os caminhos ou os métodos aplicados para o seu processo de ensino e aprendizagem mesmo sabendo existirem filósofos que não concordem com a existência de métodos para o ensino da Filosofia. E, por último, nos ocuparemos em analisar o **quê**, procurando reflectir sobre o conteúdo que é ensinado nesta disciplina, ou a sua matéria-prima. Este será o nosso exercício epistemológico nesta modesta reflexão.

2. FUNDAMENTOS DE ENSINO DE FILOSOFIA EM ÁFRICA

“Viver sem filosofar equivale, verdadeiramente a ter os olhos fechados, sem nunca procurar Abri-los...”

(Descartes, 1998, p. 27).

A Filosofia não é um saber que nasce de pára-quebras, que aparece por acaso. Por ser um saber que está intrinsecamente ligado ao homem, ela existe onde este existe. Ela nasce num contexto e numa época determinados. É a partir da realidade onde este homem vive que a Filosofia se bifurca. Queira que a gente fale da filosofia grega, alemã, francesa, moçambicana, portuguesa, africana ou europeia é sempre produto duma reflexão sobre a vida concreta, sobre os hábitos e costumes duma determinada sociedade ou dum determinado povo.

Como falar da pertinência da Filosofia para um continente em que o adágio *prime vivere dende filosofare* “viver primeiro e Filosofar depois” está presente ou é quase dominante?

Desde os primórdios, a Filosofia mostrou sempre que é um saber não unitário, mas sim como nos diz Paulo Rudi, ela se apura como missão de lembrar a necessidade e a missão da recordação pela capacidade de análise reflexiva e solidária e pelo que permite o diálogo com

outras dimensões do saber, assim como com o seu próprio passado em permanente inauguração. Foi assim como o fez Tales de Mileto, como o fez Mudimbe, como o fez Sócrates, como o fez Bachelard, como o fez Foucault, Ngoenha e outros que sempre se debruçaram sobre as circunstâncias e o contexto em que cada um se encontrava imbuídos a dialogarem com o presente. Foi assim como fizeram os clássicos “dialogar com o presente cultural e científico à procura das determinações de toda a movimentação a surgir em forma de fenómenos (...) sem dúvida foi sempre uma actividade arcaizante mas, exactamente por isso, inovadora” (Piovesan, 2002:57).

O ensino de filosofia, em qualquer sociedade ou sistema educacional, não permite apenas analisar o próprio sistema educacional de forma rigorosa, radical e de conjunto, mas sim, ela mesma é educadora, é transformadora. Transforma a própria mente. Ela abre o horizonte do Homem, fazendo dele um sujeito activo e consciente da causa da sua existência.

Segundo Blaunde (2008: 55) a Unesco reconhece, nos países independentes da África, o nascimento dos novos espíritos filosóficos: o ensino de filosofia está presente em mais de 50 Estados africanos. A filosofia forma o cidadão, abre a consciência do homem no sentido geral. Nos países em que o ensino de filosofia atingiu um nível elevado, reflecte-se também no espírito dos seus cidadãos. Isto porque, a filosofia nos convida a tomar conta de nossa própria consciência. Ela conduz o indivíduo a ser consciente dos problemas fundamentais da ciência, da sua cultura e do mundo.

A África preocupada com questões da fome, da guerra, da pobreza, entre outros, pensou que fosse inútil e desnecessária introduzir a filosofia e ser ensinada na sua escola, considerada desta feita, como uma disciplina superflua. Não introduzir a filosofia no sistema educacional, pode significar, como o diz Descartes (1998), manter o cidadão de olhos fechados, sem ter a coragem nem a tentativa de os abrir; é manter o indivíduo longe de ser sujeito para o convívio da cidadania, tornando-o acrítico, fácil de o manipular ou de o dominar. Ela permite que a vida seja “contínua criação”.

Tarde ou não, é preciso vincarmos aqui com viva voz que felizmente, este facto está sendo superado no continente africano. O ensino de filosofia está presente, como já dessemos, em mais de 50 países e ela é tida em muitas escolas africanas como obrigatória. A escola africana já percebeu que a filosofia é “imprescindível ao Homem”. Ela, hoje, deixou de ser uma disciplina supérflua, sendo reconhecida como uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento

humano. Aprender a filosofia e constitui-la como disciplina, como nos diz Zita Ana Lago (2002:494) significa reforçar o reconhecimento desta disciplina, sobretudo, o seu *status* epistemológico e “sua relevância história para a formação da cidadania”.

Este tipo do saber humano desenvolve a capacidade de “análise, de leitura, de abstração; induz ao sentido de questionamento e do problemático; desenvolve técnicas de argumentação e de elaboração de raciocínio; sobre interrogações conceituais e para reflexões racionais; instaura certa distância crítica e convida ao retorno reflexivo sobre si e sobre as condições de possibilidade do pensamento, que é tarefa elucidadora de nossa relação com o mundo (Pioversan, 2002, p., 496).

O ensino de filosofia para este continente é mais necessário do que nunca. Pensamos que para desmistificar a mente colonizada, só é possível pelo seu ensino. O africano precisa de recuperar o que perdeu, o seu orgulho; e a filosofia tem a dizer sobre isso.

Quando falamos que o ensino desta disciplina deve ajudar ao africano em recuperar o seu orgulho por si próprio e pelos seus valores, não queremos dizer que ela deve “exumar uma África antiga ou tradicional que não tem qualquer relevância no mundo contemporâneo. África não tem hoje necessidade de relíquias culturais, pois elas não são prioritárias, e, caso existam, devem estar onde é o seu lugar, isto é, no museu; não certamente na formação activa da cultura” (Pioversan, 2002, p., 134).

A desmistificação ou descolonização da mente, como afirma Fanon e Ngungi Wa Tchiongo, não pode ser feita no sentido de rejeição do que é estrangeiro, mas sim na conjugação de valores. Aí, o ensino da Filosofia será chamada para ajudar a esta libertação, para ajudar a cada africano não apenas a tomar a consciência de si, mas fazendo com que o africano não apenas tome consciência de si, também, sobretudo, a coloque no seu terreno. O ensino de Filosofia vai ajudar ao africano a ter “orgulho naquilo que é sem se agarrar ingenuamente ao que tem, enquanto mantém os olhos abertos para o mundo à sua volta, cheio de valores e oportunidades. O africano será ajudado a distinguir entre o orgulho por si próprio e a atitude de quem está acriticamente agarrado a elementos da sua cultura que são inaceitáveis” (Pioversan, op., cit., p., 134). O raio do que se sabe em relação a filosofia africana é muito reduzido. Temos a obrigação de mudar esta situação.

Neste sentido, o ensino de filosofia em África deve proporcionar o desenvolvimento e a emancipação do africano e sobretudo uma filosofia do tipo científico. É dentro desta linha que se

afirma: o ensino da filosofia em África “...deve evidenciar-se como uma autêntica consciência no contexto da exaltação do desenvolvimento, para que a sociedade possa ser defendida de posições extremas, como as do cientismo e do tradicionalismo” (Makumba, 2007, p., 129).

O ensino de Filosofia neste continente, deve continuamente munir de forças suficientes capaz de responder às circunstâncias actuais. A filosofia deve ser ensinada no sentido de capacitar o africano de maneiras que este seja capaz de: “...registar, construir e interpretar, e acima de tudo, corrigir falsas interpretações” (Makumba, 2007, p., 30). No ponto que se segue, tentaremos de analisar sumariamente o como a filosofia é ensinada.

3. ENSINAR OU APRENDER FILOSOFIA EM ÁFRICA

O Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea de Academia das Ciências faz uma distinção muito clara entre o conceito ensinar e aprender. Ensinar do latim *insignãr* significa “gravar o sinal”, “transmitir informações”. A etimologia do verbo aprender *apprehendere* do latim significa “apanhar”; “tomar conhecimento de alguma coisa por meio de estudo”. Se nos pedissem para escolhermos entre os dois verbos, não nos restariam dúvidas nenhuma que elegêssemos o segundo, em vez do primeiro. As razões da escolha nos parece que o primeiro interessa-se menos com quem aprende e centra-se mais em quem faz o outro aprenderem; enquanto o segundo, tem mais a ver com quem deseja saber algo, o que implica o movimento e o esforço de quem deseja saber algo.

Nos meados do século anterior, maior número das sociedades africanas, tinham a Filosofia como uma disciplina obrigatória que passou a ser leccionada nas escolas secundárias e universitárias. Aquela situação, talvez se justificasse pelo facto que a África estivesse preocupada com a busca da sua identidade, ignorando desta feita em ter consciência que sem Filosofia não se poderia atingir a plenitude da identidade africana.

Depois da nossa reflexão sobre o fundamento do ensino da Filosofia em África, vamos reflectir sobre algumas experiências vividas em relação ao seu ensino em algumas escolas africanas. Foi o nosso desafio, ver o estágio da Filosofia neste continente, o que culminou num trabalho bastante saturante e interessante. De 2010 a 2013, tivemos a decisão e oportunidade de visitar alguns países africanos para uma análise concreta da ensinabilidade da Filosofia. Fizemos um trabalho de campo na Universidade de Kinshasa na República Democrática de Congo, na

Universidade de Makerere - Uganda, na Universidade Cheik Anta Diop - Senegal, nas Universidades de Alexandria e de Cairo, ambas do Egipto. Nesses países, a Filosofia é ensinada no secundário assim como no superior. O número de ingresso para esta disciplina varia de 30 a 100 dependendo das vagas que são disponibilizadas por instituição em cada ano lectivo.

Este passeio epistemológico tinha como objectivo analisar como é que a Filosofia é ensinada; analisar igualmente as várias e valiosas experiências no ensino deste domínio do saber humano não para propormos algo diferente, mas reflectir sobre os meios já existentes, a sua eficácia no que concerne ao ensino de Filosofia. Será que a Filosofia como é ensinada em África, sobretudo ao sul do equador do continente, permite que ela seja apreendida e, posteriormente produzida? Estamos consciente que não vamos trazer resposta para este questionamento, talvez suscitar mais questionamentos e mostrar horizontes segundo os quais poder-se-á buscar as respostas.

O filósofo brasileiro Walter, no seu artigo *sobre ensinar e aprender a filosofia*, faz uma problematização interessante sobre “o que significa ensinar”. Pensamos ser fundamental trazê-lo para nossa reflexão. Walter (apud Pioversan et al 2002, 177) diz: “somos ensinantes e não sabemos o que quer dizer ensinar”. Se alguém não sabe o significado daquilo que faz, ou prática é claro que não saberá como fazer ou como praticar. Foi nesta linha que Sócrates afirmou quando dialogara com Alcibíades “...se não sabe os que sabem e nem aqueles que sabem que não sabem, só nos restam aqueles que acreditam saber quando, no fundo, não sabem” (Vieira da Costa Org., 2008, p. 24). Isso não pode ser percebido linearmente porque segundo o nosso entendimento, alguém pode muito bem saber o significado do que faz, mas sem no entanto saber como fazer.

É isso o que tem acontecido na escola africana em relação ao ensino da Filosofia. O professor as vezes sabe o que significa ensinar, mas não sabe como ensinar. As vezes ensinam sem saber o que ensinar. O que está implicado neste problema é o método que é usado para este ensino. Walter na compreensão a Jacques Rancière na sua obra “le maitre ignorant” tentou definir o acto de ensinar, no sentido literal, como aquele que significa “colocar um significado, um exemplo: o signo é o que se segue. De modo que o que se brinda no ensinar é um signo que deve ser seguido, um sinal a ser decifrado. Há muitas formas de ensinar. Um livro ensina. Provê signos. É questão de ver como e onde segui-los” (Piovesan, 2002, p. 178).

Se aceitarmos esta reflexão de Walter ensinar como um signo que deve ser seguido, então é mais do que correcto questionar como é que este signo deve ser seguido. Isto é, o que falha ou falta quando falamos de ensino de Filosofia em África. Muitas vezes ela não é ensinada no sentido que o aluno/estudante encontre caminhos e meios que lhes permitam, por si mesmo, buscar o “signo”, pelo contrário, o aluno/estudante é atribuído “signo” para consumir. Autêntica educação bancária, “a tónica da educação é preponderantemente esta – narrar, sempre narrar (...) o educador aparece como seu indiscutível agente, como o seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é encher os educandos dos conteúdos de sua narração” (Freire, 1975, p., 9).

A forma como a Filosofia é ensinada em muitas escolas africanas, muitas vezes, inibe não apenas o aluno/estudante mas sim a própria filosofia. O professor apresenta-se na sala de aulas como detentor do conhecimento filosófico e o aluno como quem deve estar calmo, a assumir e a reter o que é dito pelo seu professor. Este tipo de professor, pensa que está a transmitir e a contribuir na edificação do conhecimento filosófico, pelo contrário está sendo um duplo assassino quer para o aluno/estudante, quer para a Filosofia. Nesta ordem de ideias, dificilmente o aluno/estudante poderá ser o sujeito do seu conhecimento. Trata-se de um ensino que não liberta, não emancipa. “O acto de ensinar é libertador quando permite ao aprendiz perceber a potência não inferior de sua igualdade das inteligências, ensinar e (aprender) se tornam possíveis. Na visão de Rancière [citado por Walter] ensinar exige um gesto igualitário. Com relação a inteligência, ninguém é mais do que ninguém” (Op.cit. p, 187).

“ Com o fim de permitir a formação e o desenvolvimento da sua personalidade, aprender a dialogar com os outros e a reconhecê-los dentro de seus direitos e suas diferenças”. Esses deveriam ser um dos valores que vislumbram no ensino de Filosofia e que permitem aos alunos “serem tolerantes, autoconfiantes e modestos, respeitando a diferença e o sentido do diálogo”.

4. PROBLEMAS E PERPESCTIVAS SOBRE ENSINO DE FILOSOFIA EM ÁFRICA

Depois de falarmos sobre o ensinar e aprender Filosofia na escola africana, vamos neste último ponto reflectir aquilo que tem sido talvez o entrave, como diria Bachelard, Obstáculo epistemológico na forma como ensinamos este saber humano. Será neste ponto, onde tentaremos ver o que se ensina ou que tipo de filosofia é ensinada e qual é a sua própria matéria-prima?

Permitam-nos que comecemos por uma experiência, por sorte, realizada no momento em que redigiu-se este artigo. Dr. Mussa Briate coordenador da Disciplina de Filosofia no Mistério de Educação em Moçambique organizou um encontro de capacitação de professores que ensinam a Filosofia nas escolas secundárias. Foi-nos dirigido o convite como para capacitarmos os professores de 9 escolas. Eu e o meu colega, Mestre Zeferino Jamal Uarrota, aceitamos e fomos capacitá-los, apesar do dilema que nos cobria: como capacitar um professor de filosofia?

Descartes, no Discurso do Método diz: “conduzir pensamentos com ordem, começando pelos objectos mais simples e mais fáceis de conhecer, para pouco a pouco me elevar, como por degraus, até o conhecimento dos mais complexos...” (Descartes, 2002, p., 22). Pensamos que o mais simples seria aquilo que cada professor vive em cada dia, e cada um na sua escola. Pedimos que nos falassem das experiências possuídas como professores de Filosofia. Os 19 professores que estiveram presentes nesta capacitação apontaram como problemas: i) falta do material didáctico: há escolas em que só o professor tem um manual apenas para ele, não se encontrando disponível para os alunos; ii) o Programa de Filosofia para além de ser desproporcional a realidade moçambicana/africana, é muito longo e impossível de materializa-lo nas 3 horas semanais; iii) superlotação das turmas em média 60 alunos por turma dificultando a interacção professor/aluno, aluno/professor; o que não facilita o ensino de Filosofia.

O artigo de Blaunde (2008, 55-56) apresenta-nos Michel Sparangano, professor de Filosofia em Johannesburgo; Abdou Karim Ndoye do Senegal; Coumba Touré filósofo do Mali; e Azizi Abderahaman da Tunísia que reclamam os mesmos problemas.

O Ministério de Educação aprovou dois manuais de Filosofia que são usados no ensino secundário escritos por Mussa Briate e Jeque e o outro por Ernesto Chambisse e José Cossa. Não estamos contra aos manuais, mas observa-se o seguinte: Os dois manuais inspiram-se em fontes portuguesas: “*Razão e sentido*”, “*Razão e dialogo*”, “*Filosofia 7º ano de escolaridade*” de J. Neves Vicente, Augusto Saraiva e Rui dos Anjos Dias, respectivamente. Não queremos aqui dizer que os manuais portugueses não possam ser usados, mas não sejam a base e o primeiro ponto de referência. Já dissemos que a Filosofia não cai de paraquedas, ela está bem situada e localizada. É na base desta localização que podemos dizer da Filosofia grega, francesa, moçambicana, portuguesa. Ela parte sempre do singular para o geral.

Na escola africana “ a Filosofia que é ensinada é importada”. Está dentro das perspectivas do ensino de Filosofia, como seu primeiro desafio, procurar encontrar as raízes da Filosofia

africana e ensiná-la. É preciso que se ensine nas escolas africanas aquilo que chamamos de ‘História de Filosofia Africana’, apesar de respeitar aqueles que não acreditam na existência desta História Filosófica Africana mas reconhecemos e defendemos que se ensine filósofos africanos. Caso contrário, estaremos a perpetuar irreflectidamente a colonização; aliás, a melhor maneira de colonizar um povo é baixar a qualidade da sua educação.

O escritor moçambicano Mia Couto, no seu artigo a *fronteira da cultura*, publicado na revista tempo espaço/África em 2005 diz: “ o problema do desenvolvimento é que só convida a pensar o que já está pensado por outros. Somos consumidores e não produtores de pensamento” (Couto, 2005, p. 99). Diz ainda: “A África não pode ser reduzida a uma realidade simples e fácil de entender. O nosso continente é feito de profunda diversidade e de complexas mestiçagem” (Couto, 2005, p., 100) que devem ser racionalmente reflectidas e ensinadas. “ O que mais nos falta em Moçambique [África] não é a formação técnica, não é acumulação do saber académico, [dizia o moçambicano]. O que mais falta em Moçambique [África] é a capacidade de gerar um pensamento soberano que não ande a reboque daquilo que os outros já pensaram, libertamo-nos daquilo que uns clamaram a ditadura do desenvolvimento” (idem), aqui mais uma vez o professor tem muito a dizer.

O desafio do filósofo africano fazer com que o seu particular seja apreciado universalmente.

Na nossa opinião, existe muita produção filosófica “pelo que se coloca hoje em dia em prática uma escrita investigação filosófica, propriamente dita, que aborda a maioria dos temas centrais da filosofia” (Makumba, 2007, p. 128), por exemplo os trabalhos de N’krumah, Senghor, Keita, Ouruka, Olela, Ngoenha, Wiredu, Hountondji, Bodunrin, Tempels, Césaire, Fanon, Neugebaner, Makumba, Ngoma Binda são autores que sobressaem em relação a Filosofia africana e que devem ser discutidos nas escolas. Existem muitos textos sobre a Filosofia Africana.

Do passeio epistemológico que falamos acima, foi no entregue na Universidade Católica de Kinshasa dois tomos sobre um estudo bibliográfico da Filosofia Africana realizado pelo Padre Alfons Josef Smet que mostrava claramente a existência de muito conteúdo filosófico que poderia servir de ponto de partida para o ensino de Filosofia nas escolas secundárias. O primeiro tomo deste trabalho, publicado em 2005 tem 4920 textos (livros e artigos) publicados sobre a Filosofia Africana.

O ensino de filosofia em África, sobretudo em África subsariana tem uma influência muito forte da Europa. Atrevo-me dizer que é uma filosofia que tem uma tradição muito forte àquela ensinada nos colégios ou seminários virada para a formação dos sacerdotes. Este tipo de ensino de Filosofia tinha alicerces na escolástica com fortes fundamentos religiosos. Esta situação foi dominante nos finais do séc. XIX até aos meados do séc. XX. Este tipo de ensino se fez presente em maior número dos países africanos, incluindo Moçambique.

Um dos grandes problemas do ensino de Filosofia em África é como desmistificar o “estilo ocidental” o grosso número que se dedica ao ensino a Filosofia em África é produto desta formação ocidental, a qual eu também faço parte. Makumba afirma assim que o “impacto de uma tal formação sobre a sua perspectiva filosófica, não pode ser subestimado; contudo, isso deve ser visto como uma vantagem inestimável, não como um risco para a causa da filosofia africana”(Makumba, 2007, p., 131).

Insisto vivamente que o ensino de Filosofia em África não deve perder o ponto de vista em relação ao seu foco; ela deve ser ensinada numa “expressão teórica aos conteúdos da sua cultura africana” (Makumba, op. Cit., p., 132). Mas a experiência nos dita outra tendência de se ensinar quase sempre “apenas o pensamento ocidental”. Por isso Keita citado por Makumba diz que a Filosofia deve proporcionar o futuro da sociedade. O desafio fica claramente para o filósofo africano; deve ser ele, mais do que ninguém, fazer com que a Filosofia transborde a academia, para que possa fazer sentido para as pessoas, “empenhando-se em teorias que sejam fecundas”.

Hoje, embora a África se sinta orgulhosa por ter conquistado a independência política, ainda está muito longe em relação à sua liberdade económica. Isto deve-se ao facto da sua população não ter atingido mais do que uma libertação mental parcial. Mesmo que estejamos conscientes de que a Filosofia não possa ser capaz de dar uma “viragem económica”, não possa resolver os problemas imediatos, mas o certo é que com o ensino de Filosofia em África, ela pode ajudar “ a formação de uma base cultural necessária para esse desenvolvimento” (op. Cit. P., 134). Vamos todos, africanos e não africanos, produzir a Filosofia africana a partir da realidade africana e este real deve servir de matéria-prima do ensino da filosofia neste continente.

Bibliografia

- Bachelard, Gaston (1962). *Le Rationalisme appliqué*. 2ª ed. Paris: PUF

- Descartes, René (1998). *Os Princípios da filosofia* 7ª ed. (Trad. port. de principia philosophiae (les principes de la philosophie) ed. Original em 1960). Tradução de Alberto Ferreira. Lisboa: Guimarães Editores.
- _____, *Discurso do método para bem conduzir a própria razão e procurar a verdade nas ciências* (trad. de *Discours de la méthode pour bien conduire sa raison et chercher la vérité dans les sciences*, ed. Original em 1997). Tradução de Thereza Christina Stummer. São Paulo: Paulus.
- Makumba, Maurice M. (2014). *Uma Introdução à filosofia africana passada e presente* (trad. port. de An Introduction to african philosophy, ed. Original em 2007). Tradução de Mário de Almeida, São Paulo: Paulinas.
- Paulo, Freire (1975). *Pedagogia do oprimido*, 3ª ed. Porto: Afrontamento.
- Piovesan, Américo, et al. (2002). *Filosofia e ensino em debate*. Brasil: Unijui.